

Conclusão

A pesquisa realizada nos estimula a lançar um olhar um pouco mais cuidadoso sobre as construções adverbiais introduzidas pela conjunção **quando**. Conforme comentamos nas primeiras linhas de nossa exposição, a tentativa de classificação rígida de acordo com o uso de determinada conjunção é insuficiente para dar conta da diversidade de possibilidades de significado que podem ser expressas pelas orações adverbiais.

No caso específico de nossa investigação, concluímos que o sentido final de um enunciado formado por oração principal e oração subordinada adverbial introduzida pelo **quando** dependerá, fundamentalmente, das relações semânticas que se estabelecem entre os elementos que compõem o enunciado e dos fatores pragmáticos que envolvem cada situação de uso da língua – apesar da inegável relevância de componentes sintático-gramaticais. Em relação à complexa distinção entre as orações adverbiais temporais que apresentam o sentido condicional factual e as que apresentam o sentido causal, por exemplo, verificamos que, em determinados contextos, a caracterização modo-aspectual é insuficiente para apontar diferenças semânticas reais entre os enunciados, dado o alto grau de afinidade entre as áreas. Assim, a tentativa de padronizar/classificar revela-se inútil diante do turbilhão de possibilidades que a língua em uso oferece.

Os exemplos com os quais ilustramos nossas considerações corroboram a idéia de que, muitas vezes, revela-se penosa a tarefa de delimitar com precisão as fronteiras entre as áreas de tempo, condição e causa. As variadas possibilidades de combinações modo-temporais, aliadas às especificações semântico-pragmáticas de cada ato de comunicação, configuram um extenso quadro em que essas circunstâncias adverbiais tão próximas se interpenetram de modo a coexistir num mesmo enunciado.

No entanto, apesar dessa co-ocorrência de diferentes sentidos adverbiais em um mesmo período, pudemos constatar certas nuances de gradação e ênfase – às vezes imperceptíveis numa primeira leitura – apontadas a partir da escolha do conectivo entre as orações. Portanto, o que se nos mostrou incontestável é a forte

carga semântica que cada conjunção carrega naturalmente consigo, a ponto de determinar sensíveis alterações de significado nos enunciados. A colocação de Azeredo (2000), já citada no capítulo 5, de que a escolha da conjunção denota "uma tomada de posição do enunciador⁵⁹" parece-nos definitiva. Ou seja, como usuários de uma língua, os falantes elegeem, entre uma infinidade de opções, aquela que melhor se adapta às suas necessidades de comunicação.

Por fim, consideramos importante lembrar que o estudo feito especificamente em relação às orações adverbiais introduzidas pelo **quando** – palavra que para muitos refere-se unicamente a tempo - pode ser perfeitamente aplicado a conjunções mais comuns a outras áreas do significado.

⁵⁹Cf. nota 38.